

de Rosa Amelia Plummelle-Uribe, foi um dos mais marcantes. “A discussão a respeito do texto, no dia do encontro, foi mais enriquecedora do que eu poderia ter imaginado. Tornou possível um caldeirão de ideias, perspectivas e vivências de valor imensurável”, lembra.

O clube promove encontros de leitura coletiva, rodas de discussão, conversas com autores e debates temáticos. André avalia que, nesse âmbito, “o protagonismo negro é inclusivo e inovador, ao tratar de temas com sensibilidade, nuance e experiência própria de um povo.”

O fortalecimento da autonomia leitora

Ao longo dos anos, o Clube Negrita testemunhou transformações significativas: leitores que chegam com poucas referências passam a montar suas próprias bibliotecas e a criar seus próprios espaços de leitura coletiva. “A principal transformação é o fortalecimento da autonomia das pessoas enquanto leitoras”, afirma Bruna. “Os participantes chegam com poucas referências literárias e, em algum momento, passam a ser curadores de sua própria biblioteca, lendo e recomendando livros que ainda não abordamos no clube.”

Essa autonomia tem um efeito direto na saúde emocional, conforme avalia a psicóloga Geane. Espaços de troca — como clubes — são fundamentais porque permitem que pessoas negras existam e sejam validadas em sua humanidade. “O racismo estrutural e a falta de representatividade nos afeta justamente em não termos onde nos sentirmos validados como pessoas pertencentes a um mundo,” explica Geane. O clube, portanto, torna-se um contraponto ativo a essa realidade.

Bruna observa que, embora novembro costume concentrar eventos, essa lógica vem mudando. “Eu sinto que o interesse aumentado no mês da Consciência Negra tem diminuído e se espalhado para os outros meses do ano, porque os debates raciais estão mais frequentes e acessíveis,” analisa.

O Clube Negrita, inclusive, não realiza programações temáticas específicas para a data, mantendo o ritmo de suas leituras. Ainda assim, manter o clube vivo exige o enfrentamento a um desafio concreto: o apoio institucional. Bruna, Carla, Ingrid e Thiago, os quatro responsáveis pelo coletivo, dividem o tempo entre trabalho, estudo e a manutenção do grupo, nem sempre dispondo de recursos para alimentação nos encontros ou remuneração pelas pesquisas necessárias.

“Quando tivemos a consciência de que todas as nossas ações fazem parte de uma política pública, passamos a tratar o clube como uma ferramenta para o incentivo à leitura na cidade,” diz Bruna. “Queremos fomentar mais leitores. Para isso, buscamos unir forças com instituições públicas e privadas engajadas no incentivo à leitura.”

*Estagiária sob a supervisão de Sibele Negromonte

POR ONDE COMEÇAR NA LITERATURA NEGRA

Acessíveis para a porta de entrada:

- Conceição Evaristo — *Olhos d’água*; *Ponciá Vicêncio* (escrita poética, política e profundamente humana, ideal para quem busca emoção e reflexão).
- Eliana Alves Cruz — *O crime do Cais do Valongo*; *Nada digo de ti, que em ti não veja* (romances históricos que resgatam memórias apagadas da população negra).
- Itamar Vieira Junior — *Torto arado, Salvar o fogo* (narrativas que misturam tradição oral, misticismo e crítica social).

Clássicos indispensáveis

- Machado de Assis — *Dom Casmurro*; *Memórias póstumas de Brás Cubas*; *Quincas Borba* (sua presença no cânone evidencia como a história embranqueceu autores negros para caber no conforto das elites).
- Lima Barreto — *Triste fim de Policarpo Quaresma*; *Recordações do escrívão Isaías Caminha* (crítico feroz da República e do racismo estrutural brasileiro).
- Carolina Maria de Jesus — *Quarto de Despejo* (um dos maiores testemunhos da desigualdade no Brasil, escrito com força documental e sensibilidade literária).

Literatura negra contemporânea brasileira

- Jeferson Tenório — *O Averso da Pele* (um mergulho potente em masculinidade negra, trauma e afeto).
- Sueli Carneiro — *Escritos de uma Vida* (intelectual central no pensamento racial brasileiro, unindo filosofia, política e memória).
- Cidinha da Silva — *Um Exu em Nova York* (contos que misturam oralidade, humor, crítica e espiritualidade).

Autoras e autores das diásporas africanas

- Toni Morrison — *Amada*; *O olho mais azul*; *Song of Solomon* (romances que abordam trauma, ancestralidade e sobrevivência).
- James Baldwin — *O Quarto de Giovanni*; *Se a Rua Beale falasse*; *Notas de um filho nativo* (uma das vozes mais lúcidas sobre raça, moral, amor e política nos EUA).
- Chimamanda Ngozi Adichie — *Americanah*; *Hibisco roxo*; *No seu pescoço* (escrita envolvente para jovens leitores).

Poesia, afeto e identidade

- Sérgio Vaz — *Flores de Alvenaria*; *Coletivo perifatividade* (poesia da periferia, sobre resistência, cotidiano e comunidade).
- Jarid Arraes — *Heroínas Negras Brasileiras em 15 Cordéis* (reconta histórias de mulheres negras apagadas pela história oficial).

Para quem gosta de teoria, crítica e pensamento racial

- Angela Davis — *Mulheres, raça e classe* (fundamental para compreender intersecções entre gênero, raça e capitalismo).
- Frantz Fanon — *Pele negra*; *Máscaras brancas* (clássico sobre colonização, subjetividade e identidade racial).
- Achille Mbembe — *Necropolítica* (reflexão sobre poder, morte e controle do Estado, muito discutido nas ciências sociais contemporâneas).

Coletivos e antologias

- *Cadernos Negros* (desde 1980) — Contos e poesias de autores negros de todo o Brasil. Porta de entrada para conhecer novas vozes.
- *Pretas que escrevem*; *Quilombhoje*; *Afrolit* — Coletivos que reúnem autoras e autores contemporâneos, ampliando a diversidade de estilos e temas.